

O idealizador da política de câmbio do Plano Real

Gustavo Franco é considerado um dos economistas mais brilhantes de sua geração

• Um dos economistas mais brilhantes de sua geração, Gustavo Franco se envolveu numa série de polêmicas para defender a política cambial do Governo, da qual foi idealizador. Conhecido por seu estilo ferino, Franco assumiu a presidência do Banco Central, em julho de 97, com apenas 41 anos, após uma carreira promissora.

Professor da PUC-Rio com doutorado em Harvard, nos Estados Unidos, Franco era considerado por Mário Henrique Simonsen um economista brilhante. Ele entrou para o Governo em 93, pelas mãos do então presidente Itamar Franco. Sua fama de bom planejador logo encantou Fernando Henrique Cardoso, na época ministro da Fazenda, que fez do economista um dos principais formuladores do Plano Real.

Foi ele um dos primeiros a garantir a Fernando Henrique que o Governo poderia derrubar a inflação a curto prazo. Estava certo. O Plano Real decolou e a estrela de Franco brilhou. Desde então, entrou em divergência até mesmo com aliados na defesa de suas idéias. Em 97, quando ainda era diretor de Assuntos Internacionais do BC, foi enfático ao afirmar que o dinheiro das privatizações deveria ser usado



O PRESIDENTE DO BC, Gustavo Franco, pouco antes de anunciar a sua demissão: alvo de críticas até no Governo

para abater a dívida pública. Os ministros Sérgio Motta e José Serra defendiam o uso dos recursos em investimentos. A tese de Franco foi vitoriosa.

Para o criador da âncora cambial, a desvalorização do real não diminuiria o déficit comercial. Franco acreditava que as reservas externas eram a principal defesa da nossa moeda.

— A política cambial teve papel fundamental para que o real decolasse. Isso não tem reparos — disse, durante a sabatina no Senado, em agosto de 97.

Já na posse, ele avisou que uma queda de juros só aconteceria com a redução do déficit público. Um ano e meio depois, em dezembro de 98, as altas taxas levaram industriais paulis-

tas a pedir sua demissão. Mas, para Franco, as críticas faziam parte do trabalho.

— O Banco Central sempre vai confrontar interesses poderosos — afirmou certa vez.

Para ele, não há incompatibilidade entre estabilidade e desenvolvimento: o ajuste fiscal é suficiente para reduzir a dependência de recursos externos.

Givaldo Barbosa